

ANALISE DAS CONTAS DA CGD DE 2017 E DO 1º TRIMESTRE DE 2018: uma recuperação do banco público reduzida e mais aparente do que real

RAZÃO DESTE ESTUDO: para quem esteja interessado em conhecer a situação da CGD

A CGD é ainda a maior instituição financeira a operar em Portugal, essencial para o desenvolvimento do país, e é a única que ainda é pública (*todos os outros grandes bancos já são controlados por estrangeiros*), em que o único acionista é o Estado, e cujas sucessivas recapitalizações, muitas delas para cobrir enormes prejuízos resultantes de atos de má gestão, nomeadamente concessão de créditos a grandes grupos privados que depois não os pagaram, tem sido feitas com receitas de impostos pagos por todos os portugueses. A última recapitalização da CGD, realizada em 2016/2017 pelo Estado, custou aos portugueses cerca de 4.000 milhões €. Para além disso, a CGD está a pagar ao Fundo de Resolução, todos os anos, para que este financie os buracos do BPN, do BANIF e do BES/Novo Banco, cerca de 38 milhões €. Portanto, é de toda a justiça e necessário que a CGD preste contas não só ao acionista Estado, mas também aos portugueses, porque são estes que pagam os atos de má gestão. **É certo que administração da CGD divulga contas trimestrais, semestrais e anuais. Mas essa é a visão da administração da CGD sobre a situação da CGD. No entanto, é importante que os portugueses tenham uma segunda opinião (esta não oficial, portanto não tem de coincidir necessariamente com a da administração da CGD) sobre as contas e a situação da CGD, para onde ela caminha, para que depois, confrontando a opinião oficial com a não oficial, formem a sua própria opinião sobre aquilo que está a acontecer na CGD.** Este estudo é uma **segunda opinião, menos cor de rosa do que a da administração**, feita com base nos dados divulgados pela administração da CGD que procura ser **mais objetiva e independente**. É nossa intenção fazer um estudo análogo relativamente à **Caixa Económica – Montepio Geral**, que não é financiado pelo Estado, mas é pelos 630.000 da Associação Mutualista (*outros portugueses lesados*). Estamos apenas à espera da Contas do 1º Trimestre de 2018, que tarda em serem publicadas, apesar de o terem já sido por todos os outros bancos, para o fazer.

Está neste momento a ser debatido na Assembleia República, visando aumentar a transparência e a responsabilização das administração da CGD e da Caixa Económica, a divulgação dos grandes créditos concedidos que foram perdidos nestas duas instituições, na maioria dos casos tendo origem em atos puros de má gestão, em que os interesses de quem financia estas duas instituições financeiras – contribuintes e associados do Montepio – não foram devidamente acautelado. Certamente que a sua publicação causaria grandes surpresas mas impediria que no futuro acontecesse o mesmo. O chamado segredo bancário tem servido para ocultar a má gestão, e mesmo a gestão danosa, e parar permitir a impunidade de administrações irresponsáveis e incompetentes que é preciso acabar.

Como este estudo é longo (10 págs), para facilitar a leitura por todos os que têm menos tempo assinalamos as partes mais importantes a amarelo. A leitura dessas partes dá já uma ideia clara dos resultados da gestão da administração de Paulo Macedo, da situação da CGD e para onde ela caminha a CGD, se alguns dos rumos não forem corrigidos.

A análise das contas consolidadas da CGD de 2017 e do 1º Trimestre de 2018, portanto o período já da gestão da administração de Paulo Macedo, assim como as conclusões que se tiram, vai ser feita com base nos dados dos relatórios e contas e da apresentação pública dessas contas pelo conselho de administração.

Esse estudo, para o tornar o mais consistente e fundamentado, vai ser desdobrado 3 partes, a saber: (I) Análise das Demonstrações de Resultados o que permite não só ficar a saber como a atividade da CGD se desenvolveu em cada um dos períodos, mas também conhecer a forma como foram obtidos os resultados apresentados; (II) Análise dos Balanços consolidados de cada ano, o que permite conhecer qual era a situação da CGD no fim de cada um dos períodos analisados; (III) Conclusões e desafios futuros, onde se

Se quiser receber diretamente estes estudos envie uma mensagem para edr2@netcabo.pt

enumeram algumas das conclusões das análises feitas nos dois pontos anteriores, e se apontam alguns desafios futuros para reflexão.

Para uma mais fácil análise das Demonstrações Financeiras, elaboramos relativamente a cada uma delas (DR e Balanço) um quadro com os dados mais importantes referentes aos anos de 2016, 2017 e 1º Trim. 2018, que é o último disponibilizado.

I - ANÁLISE DAS PRINCIPAIS RÚBRICAS DA DEMONSTRAÇÃO DE RESULTADOS – Período 2016/1º Trim. 2018

No quadro 1 reuniram-se os dados das contas mais importantes das Demonstrações de Resultados consolidadas da CGD referente aos anos de 2016, 2017 e ao 1º Trim. 2018. E isto para uma mais fácil análise dos seus valores.

Quadro 1 – Demonstrações Resultados consolidadas da CGD – 2016/1º Trim. 2018

RÚBRICAS	2016 Milhões €	2017 Milhões €	1Tº 2017 Milhões €	1Tº 2018 Milhões €	2017-2016 Milhões €	1º Trim. 2017 - 1º Trim. 2018 Milhões €	1º 2017/ 1T 2018 Em %
Juros e rendimentos similares	2 470	2 345	578	520	-125	-58	-10,0%
Juros e encargos similares	1 431	1 104	278	223	-328	-55	-19,7%
Margem financeira	1 039	1 241	300	297	202	-3	-1,1%
Rendimentos de instrumentos de capital	51	46	5	7	-5	2	46,9%
Margem financeira alargada	1 090	1 287	305	304	197	-1	-0,3%
Receitas de comissões	568	589	135	144	21	9	6,7%
Encargos com comissões	118	124	29	28	6	-1	-3,1%
Comissões líquidas	450	465	106	116	15	10	9,4%
PRODUTO BANCÁRIO "CORE" (negócio bancário)	1 488	1 706	405	419	218	14	3,4%
Resultados operações financeiras	77	216	79	28	139	-51	-64,9%
PRODUTO GLOBAL DA ATIVIDADE	1 423	1 965	457	434	541	-24	-5,2%
Custos operacionais	1 168	1 103	327	297	-65	-30	-9,2%
Custos com pessoal	661	659	218	205	-2	-13	-5,9%
Gastos gerais administrativos	415	358	88	77	-57	-11	-12,5%
Amortizações	92	87	21	15	-5	-6	-28,1%
Resultado Bruto de Exploração (antes das imparidades)	254	861	130	136	607	6	4,9%
COST-TO-INCOME (eficiência da gestão)	82%	56%	72%	69%			
CUSTOS OPERACIONAIS/PRODUTO BANCÁRIO "CORE"	78%	65%	81%	71%			
Imparidades de crédito líquidas	2 383	86	22	33	-2 297	11	-15,4%
Imparidades de outros ativos líquidas de reversões e recuperações	616	591	86	-21	-25	107	
SOMA DAS IMPARIDADES	2 999	677	108	13	-2 322	-96	-88,4%
RESULTADOS OPERACIONAIS (antes IRC)	-2 744	184	22	124	2 928	102	473,0%
Impostos correntes (-)	-286	59	27	50	59	23	84,9%
Impostos diferidos (+)	-589	120	-1	-11	709	10	
CE setor bancário (imposto receita Fundo Resolução)	39	36	37	35	-3	-2	-5,4%
RESULTADO DO EXERCÍCIO	-1 860	52	-39	68			
Agências bancárias em Portugal	651	587	650	587	-64	-63	-9,7%
CGD Portugal - Trabalhadores	8 113	7 689	8 145	7 521	-424	-624	-7,7%

FONTE: Contas da CGD - 216, 2017 e 1º Trimestre de 2018

A análise dos dados do quadro permite conhecer como a atividade da CGD se desenvolveu em 2017 e 1º Trim. 2018, ou seja, com a administração de Paulo Macedo.

1. A Margem Financeira continua a ser conseguida fundamentalmente à custa da redução dos juros dos depósitos ("custo do funding") aos depositantes e não devido ao aumento do crédito concedido

A Margem financeira resulta da atividade "core", ou seja, por excelência de qualquer banco (obtenção de depósitos e concessão de crédito). A análise dos dados de 2016 e 2017 relativos à Margem Financeira, que aumenta de 1.039 milhões € para 1.241 milhões € (+ 19,4% num ano), revela que o aumento verificado entre 2016 e 2017 não teve como origem o aumento dos juros resultantes de operações ativas (crédito concedido), que até diminuiu em 125 milhões €, mas fundamentalmente foi obtido à custa da redução significativa dos juros pagos aos depositantes, que diminuíram, no mesmo período, em 328 milhões €.

No 1º Trimestre de 2018, o valor da Margem Financeira (297 milhões €) foi inferior até ao do 1º Trim. 2017 (300 milhões €). Esta variação negativa resultou de uma redução dos juros das operações ativas (crédito) de 58 milhões € que foi já superior à diminuição dos juros de operações passivas (depósitos) em 55 milhões €, o que prova que o instrumento redução dos juros pagos pela CGD já se esgotou ou está em vias disso. Portanto, este rendimento (Margem financeira) da CGD não está a ser conseguido através do aumento do crédito concedido mas sim à custa do pagamento de juros ZERO ou próximo de zero aos depositantes. São estes que agora estão a financiar a chamada recuperação da CGD

2. O Produto global da atividade, embora tenha aumentado entre 2016 e 2017, registou uma redução entre o 1º Trim.2017 e o 1º Trim.2018

Entre 2016 e 2017, o Produto Global da Atividade, que inclui o Produto Bancário, aumentou de 1.423 milhões € para 1.965 milhões €, ou seja, em 541 milhões €, mas uma parcela significativa deste aumento tem como origem os resultados de operações financeiras (ROF's) que, em 2017, atingiram 216 milhões € portanto uma receita incerta e resultante da atividade especulativa que, em 2016, tinha sido apenas de 77 milhões €.

Entre o 1º Trim.2017 e o 1º Trim.2018 registou-se já uma redução no Produto geral de atividade, constituído fundamentalmente pelo Produto bancário, de 24 milhões € (-5,2%), pois passou de 457 milhões € para 434 milhões €. E isto também porque entre o 1º Trim.2017 e o 1º Trim.2018, os ROF's (mais valias) diminuíram de 79 milhões e para 28 milhões o que prova também que a "recuperação" não é ainda sustentável.

Os Custos operacionais ou de estrutura (*Pessoal, Gastos gerais administrativos e amortizações*) ou de estrutura diminuíram, entre 2016 e 2017, em 65 milhões € e, entre o 1º Trim.2017 e o 1. Trim.2018, em 30 milhões €, o que foi conseguido através da redução do número de trabalhadores e do fecho de agências, ou seja, por meio da redução da capacidade da CGD em fazer negócio.

Devido à evolução do Produto Global de Atividade (*entre 2016 e 2017, aumenta em 541 milhões €*) e, conseqüentemente, também do Produto Bancário, o "**cost-to-income**", que é um rácio que se obtém dividindo os Custos Operacionais (*Custos de Pessoal + Custos Gerais Administrativos + Amortizações*) pelo Produto Global da Atividade, sendo na banca utilizado como um indicador de eficiência, registou, entre 2016 e 2017, uma redução significativa pois baixou de 82% para apenas 56%, o que é muito positivo. No entanto, quando comparamos o do 1º Trim.2017 com o do 1º Trim.2018, a redução é de 73% e 69% respetivamente (*na Press Release da CGD estão indicados para o 1º Trim.2018 apenas 58%, que resulta do facto de terem sido deduzidos nos custos operacionais ou de estrutura os custos não recorrentes que, em cada um daqueles trimestres é de 58 milhões nos custos com pessoal; neste período, os custos com pessoal, sem os custos recorrentes diminuem de 160 milhões € para 146 milhões €*), a redução já não é tão significativa.

3. Como foram obtidos os resultados positivos de 52 milhões € em 2017, e de 68 milhões € no 1º Trimestre de 2018

Em 2017, a CGD apresentou um resultado positivo de 52 milhões €, mas esse resultado foi conseguido após ter sido constituído em 2016 enormes imparidades (2.999 milhões €), o que tornou possível que, em 2017, se constituíssem 677 milhões € de imparidades, sendo apenas 86 milhões € imparidades de crédito, quando as de 2016 atingiram 2.383 milhões €. Portanto, as enormes imparidades de crédito constituídas em 2016, com base em critérios extremamente conservadores e com o objetivo de dar segurança à nova administração, permitiram fazer uma limpeza de mau crédito, o que possibilitou reduzir significativamente as imparidades de crédito que foi obrigada a constituir em 2017. Mesmo assim, para obter um resultado positivo de 52 milhões € foram necessárias 216 milhões de mais valias de operações financeiras, ou seja de venda de títulos. Em 2016, tinha-se obtido apenas 77 milhões €, o que mostra que é uma receita aleatória resultante da atividade especulativa que não se enquadra na missão da CGD.

No 1º Trim.2018, a CCD obteve um resultado positivo de 78 milhões €, que compara com o resultado positivo de 36 milhões € no 1º Trimestre de 2017. No entanto, **o resultado positivo de 68 milhões € no 1º Trimestre de 2018, só foi possível através da reversão (anulação) de 21 milhões € de imparidades de "outros ativos"** como mostram os dados do quadro 1, imparidades essas que foram constituídas a mais em anos anteriores, que assim foram transformadas em lucros no 1º Trimestre de 2018 (*nas contas individuais da CGD, a reversão de imparidades constituídas em excesso em anos anteriores atingiu 67,2 milhões €, que é quase igual aos resultados da CGD, também a nível individual, que foram de 78,2 milhões €*).

É evidente que, enquanto o negócio bancário não recuperar, a recuperação da CGD não será real e sustentável. E isso que a atual administração ainda não conseguiu como provam os dados dos relatórios e contas da CGD referentes a 2016, 2017 e 1º Trim.2018.

Sem esta reversão (anulação) de imparidades consideras em excesso, constituídas em anos anteriores, que na altura alertamos que podiam ser em parte revertidas alimentando “*lucros futuros*”, como está a verificar-se, **os lucros da CGD no 1º Trim.2018 teriam sido apenas de 47 milhões €**, um valor que mostra que a “recuperação” está longe de ser real, e que não corresponde ao esforço feito pelos contribuintes para recapitalizar a CGD.

É necessário ter presente a importância da atividade internacional para a CGD como provam os dados constantes dos relatório e contas. Assim, o **contributo da atividade doméstica e internacional para os resultados da CGD foram os seguintes: No 1º Trim.2017: Atividade doméstica: -88,3 milhões €; Atividade internacional: + 49,6 milhões €; Em 2017: Atividade doméstica: -175,6 milhões €; Atividade internacional: + 272,8 milhões €; No 1º Trim.2018: Atividade doméstica: +29,6 milhões €; Atividade internacional: + 38,4 milhões €**. Fica assim claro a importância que a atividade internacional da CGD tem tido para a CGD. É evidente que a Atividade internacional da CGD é fundamental não só para a sua posição de domínio mas também para a sua recuperação e sustentabilidade. Pretender aliená-la, como se está ou pretende fazer, é por em causa o próprio futuro da CGD com as características que tem.

Os dois quadros seguintes retirados das “*Press Realese*” sobre as contas divulgadas pela administração da CGD, reforçam a afirmação anterior, ou seja a importância fundamental da Atividade Internacional da CGD que se procura agora reduzir significativamente por imposição da Comissão Europeia, imposição essa contrária aos interesses nacionais.

Quadro 2 – Os resultados da Atividade internacional da CGD em 2016 e em 2017

(milhões de euros)

ATIVIDADE INTERNACIONAL CONTRIBUIÇÃO PARA A DEMONST. DE RESULT. CONSOLIDADA (*)	Reexpresso		
	2016-12	2017-12	Variação (%)
Margem financeira alargada	441,6	475,5	7,7%
Resultados de serviços e comissões	98,1	91,5	-6,8%
Resultados de operações financeiras	92,5	-18,2	-
Outros resultados exploração	0,2	17,3	7954,5%
Produto global da atividade	632,5	566,0	-10,5%
Custos com pessoal	163,9	172,6	5,3%
Gastos gerais administrativos	116,5	103,8	-10,9%
Depreciações e amortizações	26,0	35,0	34,9%
Custos de estrutura	306,4	311,4	1,6%
Resultado bruto de exploração	326,1	254,7	-21,9%
Imparidade de crédito líq.	234,1	30,6	-86,9%
Provisões e impar.de out.ativos líq.	42,6	14,5	-65,9%
Resultados operacionais	49,5	209,5	323,6%
Impostos	-6,3	44,8	-
Resultados depois impostos e antes de inter. que não controlam	55,7	164,7	195,6%
Interesses que não controlam	36,1	21,6	-40,2%
Resultados de filiais detidas para venda	35,3	83,6	136,8%
Resultados em empresas por equivalência patrimonial	0,6	1,1	89,4%
Resultado líquido	55,5	227,8	310,4%
Resultado líquido atividade corrente ⁽¹⁾	61,2	272,8	345,9%

(*) Relações intragrupo puras sem impacto no resultado líquido consolidado não eliminadas.

(1) Excluindo custos não recorrentes.

Em 2016, a Atividade internacional da CGD contribui com resultado líquido de 55,5 milhões € e, em 2017, com 272,8 milhões €. No 1º Trim.2018, a sua contribuição também foi importante para que a CGD apresentasse, a nível consolidado, um resultado positivo de 68 milhões € como provam os dados do Gráfico 1 retirado da apresentação pública das contas do 1º Trim.2018 realizada pelo conselho de administração.

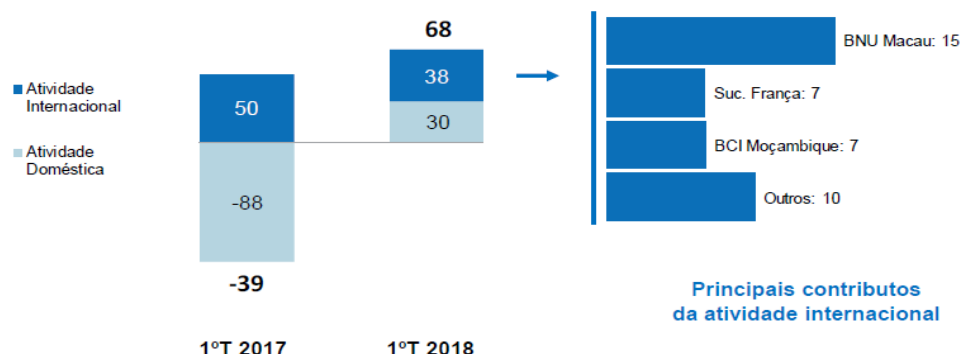
O gráfico 1, referente ao período 1º Trim.2017-1º Trim.2018, completa e reforça os dados anteriores de uma forma mais visual, portanto mais facilmente retida.

Gráfico 1 – Contributo da Atividade domestica e da Atividade internacional 1ºTrim.2017 e 1ºTrim.2018

Resultados

Contributos para o Resultado Líquido da Atividade Consolidada

M€



Encerradas em 2017: Sucursais de Londres, Cayman, Macau Offshore e Zhuhai.

E são precisamente uma parte destes ativo internacionais da CGD, que tem “salvo” a instituição que a atual administração da CGD e o atual governo, cedendo às pressões da Comissão Europeia, estão a vender ou pretendem vender.

II – ANALISE DAS PRINCIPAIS RÚBRICAS DO BALANÇO

Feita a análise das Demonstrações Resultados, vai-se agora analisar os Balanços consolidados da CGD para se poder avaliar a situação da CGD no fim do de 2016, de 2017 e do 1º Trimestre de 2018. Os dados mais importantes desse período estão no quadro 3

Quadro 3- Balanços consolidados da CGD – Período 2016/1ºTrim.2018

RÚBRICAS	2016 Milhões €	2017 Milhões €	1ºT-2017 Milhões €	1ºT-2018 Milhões €	2017-2016 Milhões €	1ºT2018-2017 Milhões €	2017/1T18 Em %
ATIVO LIQUIDO (a CGD está a encolher)	94 411	93 248	97 535	90 902	-1 163	-2 346	-2,5%
Caixa e em Bancos centrais	1 740	4 621	4 267	4 177	2 881	-444	-9,6%
Aplicações em instituições de credito	4 176	3 727	3 988	3 372	-449	-355	-9,5%
APLICAÇÕES EM TITULOS	13 889	15 751	15 729	15 972	1 862	221	1,4%
Aplicações titulos % Ativo liquido(Risco elevado?)	14,7%	16,9%	16,1%	17,6%			
Credito bruto	65 188	59 764	63 684	58 150	-5 424	-1 614	-2,7%
Imparidades de credito acumuladas	5 633	4 509	5 252	4 388	-1 124	-121	-2,7%
Credito liquido a clientes	59 413	55 255	58 199	53 762	-4 158	-4 437	-2,7%
Ativos não correntes disponiveis para venda (dações)-Liquido	7 282	6 757	7 205	6 578	-525	-179	-2,6%
Propriedades de investimento	978	898	966	893	-80	-5	-0,6%
Ativos por impostos diferidos	2 481	2 323	2 480	2 316	-158	-7	-0,3%
PASSIVO	90 528	84 974	89 709	82 847	-5 554	-2 127	-2,5%
Recursos bancos centrais e IC	4 492	4 043	4 494	4 217	-449	174	4,3%
Recursos de clientes e outros emprestimos	66 692	63 631	67 231	62 242	-3 061	-1 389	-2,2%
Recursos de clientes -atividade doméstica	53 184	52 319	54 306	52 135	-865	-184	-0,4%
Responsabilidades representadas por titulos	4 184	4 051	4 058	3 222	-133	-829	-20,5%
RECURSOS CLIENTES+ RESPONSABILIDADES TITULOS	70 876	67 682	71 289	65 464	-3 194	-2 218	-3,3%
Passivos financeiros ao justo valor	1 681	1 060	1 512	960	-621	-100	-9,4%
Passivos subordinados	2 424	1 028	1 474	1 026	-1 396	-2	-0,2%
Outros passivos	3 966	4 088	3 790	4 089	122	1	0,0%
RACIO TRANSFORMAÇÃO (ineficiência da gestão?)	89,1%	86,8%	86,9%	86,4%	-2,2%	-0,5%	-0,5%
RACIO TRANSFORMAÇÃO-2 (ineficiência da gestão?)	83,8%	81,6%	82,0%	82,1%	-2,2%	0,5%	0,6%
RACIO DE CREDITO VENCIDO > 90 DIAS	6,9%	7,0%					
NPL'S	15,8%	12,0%	15,3%	11,4%			
CAPITAIS PRÓPRIOS	3 883	8 274	7 827	8 054	4 391	-220	-2,7%
RACIOS DE SOLVABILIDADE E LIQUIDEZ							
Common Equity Tier 1 (CET 1)	12,1%	14,0%	12,3%	13,6%			
Tier 1	13,0%	15,1%	13,3%	14,7%			
Rácio Total	14,1%	15,7%	14,2%	15,3%			
Liquidity Coverage Ratio (LCR)- ineficiência da gestão?	176%	209%	230%	241%			

FONTE: Contas não auditadas - 2017 e 1º Trimestre de 2018

Uma análise detalhada dos dados constantes do quadro 2, que constam dos Balanços da CGD, permite tirar mais algumas conclusões importantes para os quais se chama a atenção, e que constam dos pontos seguintes.

1. O crédito concedido à economia continua a diminuir apesar da CGD ter uma elevadíssima liquidez e um baixo “rácio de transformação”

Como mostram os dados do quadro 2, em 2016, a CGD tinha em “caixa” e aplicados em bancos (*centrais e outros*) 5.916 milhões e em títulos 19.805 milhões €. No 1º Trim.2018, esse valor tinha aumentado para 23.521 milhões € (+18,8%). **Se a análise se limitar apenas aos “títulos”, entre 2016 e o 1º Trim.2018, a aplicação em títulos, que envolve risco elevado e não se coaduna como a missão da CGD, medida em percentagem do Ativo Líquido, aumentou de 14,7% para 17,6%, o que é um valor elevado. As aplicações financeiras, muitas delas especulativas aumentaram, mas o crédito concedido às empresas e famílias continua a diminuir como vamos mostrar.**

Assim, **o CRÉDITO BRUTO reduziu-se, entre 2016 e 2017, de 65.188 milhões € para 59.764 milhões € e, no 1º Trim.2018 sofreu nova redução, diminuindo para 58.150 milhões €; portanto, entre Dezembro de 2016 e Março de 2018, ou seja, em 2 anos e 3 meses, o crédito bruto reduziu-se em 7.038 milhões € (-10,8%). Uma evolução semelhante tem-se verificado no crédito líquido. Em 2016, o CRÉDITO LÍQUIDO era de 59.413 milhões €; em 2017 baixou para 55.255 milhões € e, no 1º trim.2018, reduziu-se para 53.762 milhões €; portanto, em dois anos e 3 meses o seu montante reduziu-se em 5.651 milhões € (-9,5%).** Estes dados constantes dos relatórios e contas da CGD reforçam a conclusão que a atual administração da CGD ainda não foi capaz de inverter a queda continuada do negócio bancário, o que não deixa de ser preocupante. É isto acontece porque o novo crédito não tem compensado aquele que é amortizado, liquidado, vendido e abatido.

2. A redução de quota de mercado (*crédito*) da CGD em todos os segmentos de mercado

A situação referida anteriormente é ainda mais grave se se tiver presente que ela está associada à perda de quota de mercado da CGD em todos os segmentos de crédito (q.4).

Quadro 4 – A redução da quota da CGD no mercado do crédito -2016/2018

QUOTAS DE MERCADO	Nov. 2016	Dez. 2016	1ºT.2017 (Fev)	2ºTr-2017 (Maio)	3ºT-2017 (Agosto)	Dez. 2017	Fev.2018 (Contas 1ºTrim.)	Redução % da quota de mercado Nov2016/Fev.2018
QUOTA TOTAL	23,4%	21,8%	22,0%	21,5%	21,0%	20,8%	20,4%	-12,8%
EMPRESAS	20,7%	18,7%	19,0%	18,5%	18,0%	17,1%	16,4%	-20,8%
PARTICULARES	24,5%	23,0%	26,0%	25,9%	23,0%	22,2%	22,0%	-10,2%
Habituação	28,1%	26,1%			26,0%	25,4%	25,2%	-10,3%
Consumo	9,3%	5,7%			6,0%	4,9%		
SETOR PÚB.ADM.		34,4%				30,9%		

FONTE: Relatório e contas da CGD - 2016, 2017 e 1º Trim. 2018

A perda de quota de mercado por parte da CGD (-12,8% na quota total) revela que há bancos que estão a ganhar quota à custa da redução do crédito da CGD ser superior à média do mercado, o que é preocupante, por um lado, porque o negócio bancário é difícil para todos os bancos e não apenas para a CGD logo há problemas de gestão nesta e, por outro lado, porque a CGD esta perder importância como líder do desenvolvimento do país.

O quadro seguinte, com dados das contas confirma, em valores, a conclusão anterior.

Quadro 5 – Evolução do crédito às empresas, ao SPA, aos particulares e ao grupo

CRÉDITO A CLIENTES	2016 Milhões €	2017 Milhões €	1ºT-2018 Milhões €	2016-1ºT2018 Milhões €	2017-1ºT2018 Milhões €
CGD -PORTUGAL (não inclui ao Grupo)	52 960	48 826	47 933	-5 027	-893
EMPRESAS	18 316	15 706	15 252	-3 064	-454
SETOR PÚBLICO ADMINISTRATIVO	5 617	5 117	4 930	-687	-187
INSTITUCIONAIS E OUTROS	1 028	1 254	1 345	317	91
PARTICULARES	28 000	26 750	26 407	-1 593	-343
Habituação	27 064	25 861	25 530	-1 534	-331
Outras finalidades	936	889	877	-59	-12
OUTRAS UNIDADES DO GRUPO CGD	12 227	10 985	10 217	-2 010	-768
TOTAL	65 188	59 812	58 151	-7 037	-1 661

FONTE: Relatório e contas da CGD - 2016, 2017 e 1º Trim. 2018

Entre 2016 e o 1º Trim.2018, o crédito às empresas, ao setor público administrativo (SPA), aos particulares e às unidades do grupo CGD diminuiu em 7.037 milhões €, sendo 1.661 milhões € no 1º Trimestre de 2018. As maiores reduções verificaram no crédito às empresas (-3.064 milhões €) e aos particulares (-1.593 milhões €). Preocupante

A RECUPERAÇÃO INSUFICIENTE DO CRÉDITO EM INCUMPRIMENTO

O crédito em incumprimento e em risco na CGD continua a apresentar enormes valores apesar do enorme abate do crédito ao Ativo considerado totalmente perdido e das enormes carteiras de crédito que a administração tem vendido a preços que permitem aos fundos compradores obter elevados lucros. Segundo o Relatório e Contas de 2017, o **rácio de Crédito vencido/Crédito total era de 7,6% em 2015 e também de 7,6% em 2017** (pág. 31), o que corresponde a um valor ainda enorme. No fim do 1º Trimestre de 2018, o rácio de NPL (*créditos sem rendimento*) era ainda de 11,4%

A CGD possui duas direções de recuperação de crédito: A DAP para os particulares e a DAE para as empresas (pág. 106 e seguintes do RC-2017).

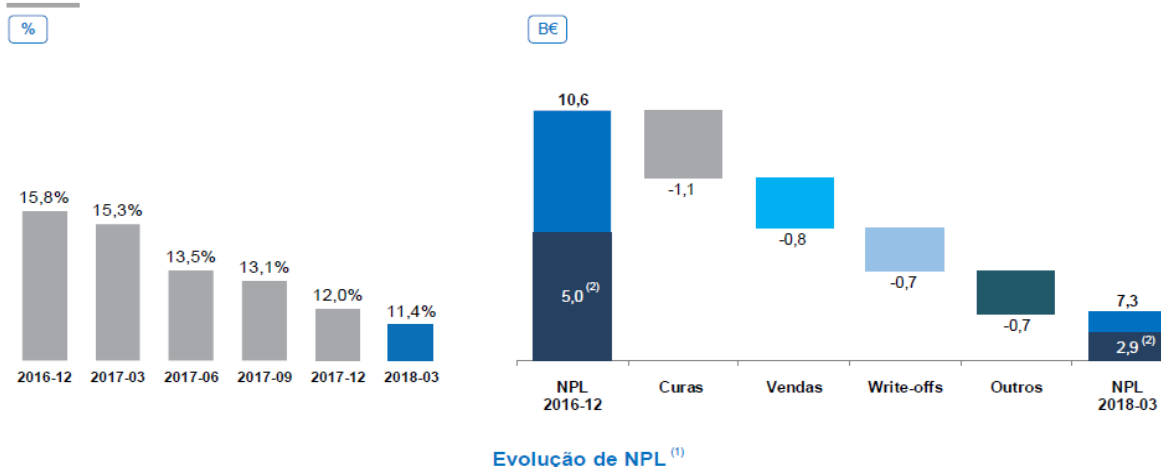
Dos 141.832 clientes particulares em incumprimento que constituía a carteira da DAP (3.900 milhões €), a DAP tratou em 2017 apenas 23.687 clientes a que correspondiam 997 milhões €. Embora se refira que as “*soluções mais comuns foram a regularização do atraso por parte dos clientes e a liquidação de responsabilidades*”, **no entanto não se apresentam quaisquer dados do dinheiro recebido**. E termina-se com a promessa que “*em 2018,....dar-se-á início a um processo de reestruturação interna....*”, mais uma. Em relação à DAE (empresas) refere-se que, em Dez.2017, esta Direção geria uma carteira de crédito no montante de 4.200 milhões € de 3.444 clientes, tendo sido o seu objetivo fundamental, neste ano, a “*desalavancagem de NPEs*”, tendo conseguido para “*1.479 milhões €, dos quais, 584 milhões através da venda de créditos*” (mais do mesmo, a medida mais fácil e cara para a CGD), “*253 milhões € de abates ao Ativo*” (mais perdas que deram origem a imparidades), “*224 milhões € através de curas*” (reestruturações) e **somente “312 milhões em recuperações cash”** (pág. 110 do RC-2017).

A redução do crédito em incumprimento e dos chamados créditos não produtivos (NPL's na gíria bancária), tem sido feito à custa de abates maciços de crédito ao Ativo (perdas totais) e de vendas maciças de carteiras de crédito, a preços naturalmente reduzidos, como mostra o gráfico 2 retirado da apresentação públicas das contas do 1º Trim.2018 feita pela administração da CGD.

Gráfico 2

Qualidade de Ativos

Atuação sobre NPL permite redução de 0,6B€ no trimestre, 3,3B€ desde janeiro de 2017...



(1) NPL – Non Performing Loans – Definição EBA.
(2) NPL líquido de imparidades.

Segundo a atual administração da CGD, entre Dez.2016 e Março de 2018, verificou-se uma redução dos NPL's (créditos não produtivos) num total de 3.300 milhões €. Desta redução total, 800 milhões € foi conseguida à custa da venda de carteiras de crédito a fundos internacionais, certamente a baixo preço para que aqueles pudessem ter um lucro

Se quiser receber diretamente estes estudos envie uma mensagem para edr2@netcabo.pt

motivador para os adquirir; 700 milhões € (*write-offs*) foram abatidos ao Ativo por se terem considerados totalmente perdidos (*em Dezembro de 2016, já tinham sido abatido ao Ativo, pelos mesmos motivos, 1.993 milhões €*). Daquele total de 3.300 milhões €, apenas 1.100 milhões € (curas) é que a atual administração considerou recuperáveis, certamente através de processos de reestruturação.

Face a estes dados, é evidente que que é necessário que a CGD invista fortemente na recuperação do crédito em incumprimento, dotando estas áreas dos meios necessários (*volume e competência*) pois a recuperação efetiva da CGD também passa pela recuperação efetiva do crédito em incumprimento, e não por mais *write-offs* que significam perdas totais de crédito e pela venda maciça de carteiras de crédito a preços reduzidos a fundos internacionais que se aproveitam da situação para se apropriarem/obterem elevados lucros, como a atual administração tem feito

Como consequência da redução significativa da carteira de crédito, que não foi compensada por novo crédito, o **Rácio de Transformação**, que se obtém dividindo o crédito líquido pelo depósitos de clientes, e que é também um indicador da eficácia de uma administração, **entre 2016 e o 1º Trimestre de 2018, que era já baixo em 2016, diminuiu de 89,1% para 86,4%**. Isto significa que a CGD em 2016, por cada 100 € de depósitos apenas concedia 89,1 € de crédito e que, no fim do 1º Trim.2018, por cada 100 e de depósitos já só concedia 86,4 € de crédito; portanto, o total de crédito concedido pela CGD é inferior ao valor total dos depósitos que obtém dos clientes, o que obriga a CGD a pagar juros próximos de ZERO ou mesmo a não pagar juros aos seus depositantes e, mais recentemente, através da multiplicação de comissões está a apropriar-se de uma parcela do capital dos depositantes já que uma parte significativa dos depósitos não rendem nada na CGD mas têm de pagar comissões de manutenção e outras. É uma situação insustentável e moralmente injusta (*apropriação do capital dos clientes pela CGD*) que, a prolongar-se por muito mais tempo, determinará a fuga de centenas de milhares de clientes da CGD como está a acontecer e a perda de domínio de mercado pela CGD.

Esta ineficácia de gestão da atual administração é confirmada também pelo elevadíssimo **rácio de liquidez da CGD – o chamado LCR (*Liquidity Coverage Ratio*) – que, entre 2016 e o 1º Trimestre de 2018, aumentou de 176% para 241%** como consta do quadro 2, quando o Banco de Portugal exige apenas 100% em 2018.

3. A redução continuada dos depósitos de clientes

Embora a CGD apresente uma elevada liquidez, em grande parte determinada pelo pouco crédito que concede, os dados dos relatórios e contas divulgados pela administração da CGD revelam uma redução continuada de depósitos, o que está a determinar a erosão gradual da posição de domínio que a CGD ocupava no setor. Os dados do quadro 1 mostram também que, **entre 2016 e 1º Trim.2018, a CGD perdeu 4.450 milhões € de depósitos (se adicionarmos as responsabilidades em títulos, que também são recursos captados aos clientes, a perda atinge 5.412 milhões €), sendo 1.389 milhões € precisamente no 1º Trim.2018 (se juntarmos as responsabilidades em títulos a perda atinge 2.218 milhões €).**

Esta perda continuada de depósitos determina a redução da quota da CGD nos depósitos como revelam os dados do quadro 6, consequência da política de juros e comissões referida anteriormente

Quadro 6 – Depósitos – a diminuição da quota da CGD total e por segmentos

QUOTAS DE MERCADO	Nov. 2016	1ºT.2017 (Fev)	2ºTr-2017 (Maio)	3ºT-2017 (Agosto)	Nov. 2017	Fev.2018 (Contas 1ºTrim.)	Redução % da quota de mercado Nov2016/Fev.2018
QUOTA TOTAL	27,7%	28,0%	27,0%	27,0%	27,0%	26,0%	-6,1%
EMPRESAS	12,2%	12,0%	12,0%	12,0%	11,0%	12,0%	-1,6%
Particulares	31,5%	31,0%	31,0%	31,0%	30,0%	30,0%	-4,8%
Administração Pública	35,0%	36,0%					

FONTE: Relatório e contas trimestrais e anuais da CGD - 2016- 2018

Em cerca de um ano, a CGD perdeu cerca de 6,1% da sua quota de mercado nos depósitos, o que embora ainda não seja preocupante revela, por um lado, uma tendência negativa e, por outro lado, a perda progressiva da posição dominante que a CGD tinha. Mesmo a nível da atividade doméstica, e como consta do quadro 2, está-se a registar uma diminuição já que, entre 2016 e o 1º Trimestre de 2018, os recursos de clientes reduziram-se de 53.184 milhões € para 52.135 milhões € (-1.049 milhões €).

4. A redução dos rácios de solvabilidade registada no 1º Trimestre de 2018

Embora a redução seja reduzida, e não ponha em causa nem a capacidade da CGD para conceder crédito nem a sua recuperação, interessa registar que no 1º Trim.2018 verificou-se uma pequena diminuição em todos os rácios da capital (-0,4 pontos percentuais) da CGD - **CET 1, TIR 1 e Rácio de Capital Total** – como consta do quadro 2, o que, no entanto, repetimos, não põe em causa os valores dos rácios de capital exigidos pelo Banco de Portugal nem a capacidade da CGD para conceder mais crédito. Mas é um sinal que interessa ter presente.

III– ALGUMAS CONCLUSÕES FINAIS E OS DESAFIOS FUTUROS QUE SE COLOCAM À ADMINISTRAÇÃO DA CGD

Feita a análise anterior, realizada utilizando dados das Demonstrações Financeiras divulgadas pela atual administração da CGD, e tendo assim obtido uma informação clara da gestão da administração de Paulo Macedo, nomeadamente dos resultados obtidos, da forma como foram obtidos, e da evolução da situação da CGD no fim de cada um dos períodos analisados (2016, 1º Trim.2017, 2017 e 1º Trim.2018), é possível agora tirar algumas conclusões e apontar alguns dos desafios futuros, nomeadamente para a administração.

A primeira conclusão, para a qual interessa desde já chamar a atenção, que resulta de toda a análise feita referente ao período 2016/1º Trim.2018 é o “encolhimento” continuado (verifica-se em todos os anos) da CGD, a sua transformação gradual, a continuar, numa “mini-CGD”, revelado pela redução continua do seu **ATIVO LIQUIDO** (entre Dez.2015 e Março-2018, diminui de 100.901 milhões € para 9.902 milhões €), do **CREDITO BRUTO** (entre Dez.2015 e Março-2018, reduz-se de 71.376 milhões € para apenas 53.762 milhões €), dos **RECURSOS DE CLIENTES** (entre Dez.2015 e Março de 2018, diminuem de 73.426 milhões € para somente 62.248 milhões €), do número de **AGENCIAS** (só em Portugal, entre Dez.2015 e Março de 2018, desapareceram 177 agências) e do número de trabalhadores de **TRABALHADORES** (entre Dez.2015 e Março-2018, só em Portugal, o número de trabalhadores diminuiu de 8.410 para 7521, portanto uma redução de 889 trabalhadores; a nível de grupo a redução foi muito maior pois, entre Dez.2015 e Dez.2016, a redução atingiu 2.259, tendo passado de 16.058 para 14.799). Estes números constantes dos relatórios e contas da CGD, contrariam, de uma forma objetiva e clara, as declarações feitas em sentido contrário pelos responsáveis atuais da CGD. Se juntarmos a isto a venda de ativos no estrangeiro e a intenção constante do Plano Estratégico de continuar a redução de agências (em 2018, já está planeado o fecho de mais 75 agências em Portugal) e de trabalhadores e, eventualmente, da venda de mais ativos, a conclusão anterior é reforçada.

A segunda conclusão que se tira da análise realizada, que é simultaneamente um desafio, é a continuação da redução do negócio bancário – o crédito bruto e líquido total – continuam a cair, e a necessidade urgente de inverter esta situação.

Uma terceira conclusão importante, é o facto da redução dos NPL's (créditos não produtivos e dos créditos ou em incumprimento) estar a ser conseguida fundamentalmente à custa de mais créditos abatidos e de venda de enormes carteiras de crédito, o que causa grandes perdas para a CGD. Atualmente, o maior negócio na banca, aquele que dá maiores lucros a fundos predadores, não é a concessão de crédito bancário, mas sim a venda de enormes carteiras de crédito, muitas delas vendidas à pressão (o Banco de Portugal tem um papel importante nessa pressão) com o objetivo de limpar o Balanço, a baixos

Se quiser receber diretamente estes estudos envie uma mensagem para edr2@netcabo.pt

preços de que se aproveitam fundos internacionais para obter elevados lucros que os bancos vendedores não beneficiam.

Em 2017, de acordo com dados fornecidos pela administração na apresentação pública que fez dos resultados, a CGD vendeu carteiras de crédito no montante de 800 milhões €, e o abate de crédito (*write-offs*) ao Ativo atingiu ainda o elevado montante de 700 milhões €. E isto depois de ter abatido ao Ativo, em 2016, mais de 1.900 milhões € de crédito considerado totalmente perdido. São perdas enormes pagas pelos contribuintes.

No 1º Trimestre de 2018, como consta da “*Press Release*” da CGD sobre os “resultados consolidados do 1º Trimestre de 2018”, neste trimestre “*A qualidade dos ativos da CGD registou uma evolução favorável, com o montante de NPL a reduzir-se em 592 milhões € (-7,5% face a Dez.2017) dada a evolução positiva nas componentes de vendas, curas e recuperações*”.

No entanto, contrariamente ao que aconteceu aquando da apresentação das contas de 2017, não foram apresentados valores referentes às curas e às vendas de carteiras feitas no 1º Trimestre de 2018. É fundamental que a CGD apresente dados concretos sobre a recuperação de créditos em incumprimento e em risco, que atinge montantes ainda muito elevados (*em Dez.2017, representavam ainda, respetivamente, 7,6% e 8,9% do crédito total, não tendo sido publicados dados referentes ao 1º Trim.2018*), e que se invista na recuperação destes créditos os meios necessários pois a recuperação efetiva da CGD também passa por aqui, e não por mais *write-offs* (abates de crédito) que significam perdas totais de crédito e pela venda de carteiras de crédito a saldo a fundos internacionais que se aproveitam da situação para se apropriarem de elevados lucros.

Resumindo, a avaliação da atual administração da CGD terá de ser feita com base na sua capacidade para obter resultados através da inversão da queda continuada do negócio bancário, portanto através do crédito concedido e depósitos captados, e não com base em mais “*write-offs*” (*abates de créditos não recuperados = prejuízo total*), de mais vendas de carteira de crédito a baixos preços a fundos internacionais, que assim obtém elevados lucros que deviam reverter para a CGD, através da multiplicações de comissões que até se apropriam do capital dos depositantes, e por meio da redução de trabalhadores e fecho de agências, e da venda de ativos internacionais importantes para a CGD como se está a fazer ou tenciona fazer. **Inverter esta situação que, a continuar, poderá levar à destruição da CGD como a conhecemos é o maior desafio que se coloca no futuro.**

Eugénio Rosa
7-6-2018
edr2@netcabo.pt